

MISSA DO INDIO SIMÃO E PE. RODOLFO - Goiânia, 25/1/76

FALA DE DOM TOMÁS, PRESIDENTE DO CIMI

IRMÃOS,

Estamos diante de um acontecimento que para mim é a continuação da Palavra de Deus, porque Deus não escreve por meio de letras mortas, mas por meio de letras vivas que somos nós. E a Palavra de Deus na Bíblia não é outra coisa senão o acontecimento da caminhada dos homens em busca de Deus. É da caminhada de Deus em busca dos homens. Portanto, estamos diante da Palavra do Senhor, neste acontecido na Aldeia de Merure, com o assassinato do Pe. Rodolfo e do índio Simão. É por isso que nós podemos aqui, numa celebração Eucarística, comungando por meio da Palavra, podemos procurar aprender esta palavra. Ver bem o que Deus quer para nós neste acontecido, neste sinal dos nossos tempos. Na verdade, Simão, índio Bororo, morrendo nestas circunstâncias em que morreu ele se torna como que, para Deus nós precisamos entender esta palavra. Palavra irmãos, que está em sequência àquela leitura do Êxodo:

"Deus ouvindo o clamor do seu povo".

É expressão de um clamor, seu sangue tingindo aquele largo da Aldeia de Merure, juntamente com o sangue do Padre, é como a expressão mais quente de um clamor que sobe continuamente a Deus. Nossa terra e nossa Região é que vem de longe, na nossa história, toda a nossa história é feita dessas lágrimas que faz encher os rios como dizia Txibae Bororo, este também foi ferido, este como que numa poesia conta o final de um drama e este drama nós vivemos, aqui como palavra de Deus. A história dos índios contada em nossos livros, é mal contada. É uma história mentirosa. Como a história de nossos heróis, entre os quais, Anhanguera, é uma história mal contada. Uma história de matança, é uma história de pisar no chão e pisar no coração do índio e destruí-lo, procurando sua terra, tomando conta de sua aldeia, acabando com seu povo, com sua Nação. Esta história precisava ser contada a nós, não pelos nossos historiadores que procuram embelezar as coisas num programa de moral e cívica, mas contando assim como conta um pedaço de história este índio Bororo. E esta busca desenfreada pela terra, este crescimento do latifúndio sem medida, é o que no passado tinha justificativa de buscar a madeira, procurar o ouro, e procurar o próprio índio como escravo. Hoje tem justificativa mais bonita ainda para os nossos ouvidos de homens modernos e civilizados. Tem justificativa de crescimento econômico de expansão do nosso poderio, do desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Pelas grandes empresas, pelo grande capital. E quanto maior este capital, mais acolhida, mais protegido, mais defendido. Que ele seja nacional, que ele seja internacional ou multinacional. Nós precisamos consciência clara disso e achamos é adramos isto. Achamos que é a verdade e estamos visceralmente convencidos de que este é o caminho.

E nada pode impedir este progresso, este desenvolvimento. Nada pode frear a sua expansão. Que se transforme a ecologia, contando que as matas deem lugar dos pastos, ao boi, que desapareçam os índios de uma vez por todas. Mas o índio não pode impedir, como dizia o Ministro o desenvolvimento do país. Como se ele fosse um obstáculo, como se ele fosse um estorvo. É o nosso pensamento, é a nossa idéia, a nossa filosofia, a nossa ideologia.

Issô está dentro de nós, como a nossa espinha dorsal, como o nosso sangue. E no entanto, o resultado é a morte. Morte não só do índio, morte do nosso povo!

Porque, segundo dados estatísticos, fornecidos pelo próprio INCRA, são 10 milhões de famílias sem terra. Fruto do nosso progresso, a marginalização brutal, crescente, rodeando não só as nossas capitais, mas as nossas cidades do interior, acompanhando as orlas das estradas, onde unicamente é possível por um tempo, construir o seu rancho e às vezes fazer a sua pequena rocinha, porque não há mais lugar no latifúndio. Mas isso são os posseiros, são os sem terra. Mas para o índio, a situação é mais grave ainda, porque para ele a terra é como o ar que nós respiramos.

A terra é para ele como a nossa Pátria, ou mais do que isso. É peça de sua vida, é ligação do grupo ao seu passado, aos seus antepassados.

É segurança do grupo no seu todo de viência, no sentido de reencontro com a natureza, no sentido de uma comunhão, uns com os outros, comunhão como um todo. Deste mundo palpável e do mundo impalpável, que eles também representam com Deus no qual eles creem muito, mais do que nós. De modo, que se para o posseiro peão, a falta de terra leva para a marginalização, a pobreza, a falta de terra para o índio, leva o à morte. Leva à sua destruição. De maneira que é por aí que se opera o ganocídio, é matando a cultura do índio, é querer transformar o mundo em mão de obra barata, é circunscrevê-lo dentro de nossos quadros rígidos, feitos para um outro tipo de povo, ele acaba morrendo, de modo que esta morte é símbolo de tudo isto, é símbolo de todo este drama, que os índios estão vivendo, e parece que é em todo território nacional, em toda extensão, em toda dimensão deste país; a começar do norte, indo até o sul, de leste a oeste. Não há exceção.

Assim como no correr da história, desde que aqui pisaram os brancos, foi a mesma investida contra o povo, com características próprias povo que representa uma riqueza, uma nobreza, uma contribuição imensa à humanidade e que consideramos como coisa, como diz Lourenço, como diz Txibae Bororo, o nosso querido deste incidente Meruri.

E, Irmãos, do ponto de vista, assim, da visão bíblica, da visão de Deus e da vida de fé, esta perda, que está se operando, é uma perda que atinge mesmo uma dimensão da humanidade. A destruição dos grupos tribais por todo este processo da ganância, e do capitalismo e da concentração da terra nas mãos de uns poucos é uma destruição imensa que atinge a própria humanidade. Não são indivíduos que são contados a menos, são povos com toda sua cultura, com todo um valor, com toda uma riqueza humana que poderia muito bem contribuir para a nossa vida, para a nossa caminhada, para nós tirar de muitos impasses em que nós vivemos, como civilização que perdeu seu rumo.

Eles poderiam nos ajudar a descobrir alternativas para uma sociedade que chegou a um estrangulamento de poluição, de neurose, de crise a mais profunda possível. E não vê saída.

Pois bem, eles vivem uma vida diferente. Eles vivem uma vida em comunhão com a natureza. Eles vivem uma vida de comunidade, de respeito mútuo, eles vivem uma perfeita distribuição de bens entre si, sem acumulação. Produzem na medida do necessário e produzem sempre. Eles se educam para a liberdade, os pais educam os filhos para a liberdade. E eles vivem esta liberdade, integrados a este mundo de beleza, este mundo de grandeza que Deus criou. É preciso estar em contato com estes grupos mais afastados da mentira, da sofisticação, para perceber a verdade daquilo que acabo de dizer. Eles se governam sem despotismo, assumindo todos a responsabilidade e apoiando aquele que carrega maior peso em relação à comunidade. Eles vivem sobretudo inseridos num mundo em que eles sabem que são uma peça e no qual têm Deus ao qual eles se referem. De uma maneira ou outra, eles não vivem o absolutismo do homem moderno que acredita que tem tudo em suas mãos, por isso vivem talvez mais seguros. E isso está arriscado a se perder e é uma perda no sentido mesmo bíblico, eu digo, no sentido mesmo de Deus, não no sentido apenas de humanidade, de um conjunto de valores que nós podemos catalogar, e servir para mostrar aí em qualquer museu, mas é a destruição mesmo dumá criação de Deus, dumá obra do Senhor. E estaria nos segundo a previsão, segundo o desenvolvimento do sistema que está montado aí, estaríamos assistindo ao final deste drama que começou há 400 anos atrás, que diz o Lourenço Bororo.

Assim como nos Estados Unidos, os últimos trinta anos do século passado foi a destruição dos grupos na sua autonomia, na sua pureza. Estes últimos trinta anos deste século XX seriam o final da história dos nossos índios. Resta, porém, baseados nesta mesma palavra, uma expectativa, restam caminhos de esperança, se assim podemos dizer. Durante este curso que está se realizando e que continua a se realizar, na Universidade Católica do Conselho Indigenista Missionário, para os missionários, o CIMI reunindo os missionários.

Chegamos à conclusão que nestes dias, o nosso maior mestre foi este acontecimento. Foi a morte do Pe. Rodolfo juntamente com o índio Simão. Quer dizer que isto nos traz esperança. Esperança no sentido que esta causa não é uma causa perdida para nós que vemos do lado assim do Evangelho. E o índio concorda com esta perspectiva. Ele mostra que vamos mudar os caminhos da história. Ele diz "vamos mudar os caminhos da História". Só através da profecia que ele poderia dizer isso e o disse. Estes caminhos estão sendo mudados. Há várias coisas acontecendo por aí, apesar de nosso sistema econômico, desse rolo compressor que está procurando realizar a sua última investida contra os pobres, os marginalizados e os índios. Há alguma esperança e esta esperança está no coração de todos nós. E ela foi depositada pelo Espírito de Deus. A Igreja está vivendo uma fase de Concílio Ecumênico Vaticano II.

Naquele ato penitencial no começo da missa, se pedia perdão pela omissão da Igreja, pela maneira dela fazer. Pelo modo como ela no passado operou para que o conquistador fosse tomar posse daquelas terras. Hoje não mais acontece, ou de menos a menos. E não é só a Igreja Católica, as Igrejas todas do mundo inteiro. A consciência do homem, do cientista, a opinião pública internacional, começa a enxergar nestes homens: valores, esperança e contribuição para a nossa civilização. É preciso pois, que atendamos a estes sinais dos tempos. Aquele clamor é também um grito de esperança. Aquele clamor que sobe da terra é aquela morte que se realiza é também uma ressurreição, e é ressurreição também no índio. E isso repercute na nossa vida. Essa ressurreição não é apenas alguma coisa que nos projeta no alienado futuro, no incerto, no indefinido. É um nascer de novo no meio de nós. Então, de certa forma, Simão ressuscita. Ele, matado por estes fazendeiros de Barra do Garças. Ressuscita como uma esperança e como uma vitória, ligada à esperança que o Cristo infundiu em nós de uma vida nova que está presente em nosso mundo e que faz com que este seja, então, esperança de endireitamento de nossas velhas estruturas. Estruturas que precisam ser destruídas, que precisam ser transformadas totalmente, a fim de que, encontremos de novo a Fraternidade, a união, a paz, a liberdade, a justiça e a verdade. E estes que foram então destruídos, que foram marginalizados, com a conivência do Governo, com a conivência do INCRA e da FUNAI, que uns jogando a responsabilidade sobre os outros e as terras continuando por demarcar, as indenizações por se fazer e um órgão jogando para o outro: de Anás para Caifás, de Caifás para Anás, e o sofrimento continuando. E quando casos como estes vão à justiça, nós já temos a lembrança da matança dos índios Cinta-larga, em que apresentado na corte, no tribunal, condenaram o pobre coitado, que foi pago para matar, e o mandante nem tocaram nele. Que será deste caso se continuar este mesmo processo? E mesmo no meio de nós, aqui na nossa Assembléia Legislativa, aquela aprovação unânime de uma investida contra os Apinagés. Executivo, Judiciário, Legislativo, onde estamos nós? De quem somos amigos? Essa ressurreição aí está e ela abre novos horizontes. E é nesse sentido que acreditamos na Palavra de Deus, falada, vivida nesses acontecimentos. É essa Ressurreição nos dá certeza, irmãos, que o índio Simão, que é dito desde o nosso poeta que cantou o Juca Piramã que podemos dizer; se era aquele que devia morrer é justamente o que deve viver e isto nós proclamamos assim nesta Eucaristia, nesta Celebração, neste momento histórico, dando graças a Deus de nos ter feito estar presentes a esta cena, a este drama, junto com nossos irmãos índios, porque daqui em diante o nosso compromisso vai ser outro. Ou será outro, ou nós poderemos falar que somos cristãos. Não poderemos falar que somos de Cristo. Que Ele nos ilumine e nos conforte. Amém.

De acordo com o Relatório de Atividades
de 1978, o Conselho de Administração
delegou a responsabilidade de

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

MENSAGEM DO ÍNDIO BORORO TXIBAE EWORORO (LOURENÇO RONDON)

(Apresentando depoimentos indígenas)

"Vou apresentar a vocês as palavras dos meus irmãos, dos que somos chamados "Índios".

Não sei se por ignorância, por desprezo ou simplesmente, para dar um nome às coisas, pois para muita gente nós somos apenas uma coisa. Essas palavras vão contar para vocês a última parte do drama, que nós estamos vivendo, desde que os homens de outra raça, de outra cultura, de outro mundo puseram os pés em nossas terras. O Homem Branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.

Disse que as palavras que vocês vão ler são a narração do final de um drama, mas não sei exatamente como vai terminar esse drama. Só sei que nós estamos animados de uma grande esperança e estamos resolvidos a mudar os caminhos da nossa história.

De onde nos vêm essa esperança? Os civilizados se tornaram mais humanos? Não, infelizmente, não! Nós é que queremos ser tratados como seres humanos e não como coisa. E como vamos mudar os caminhos da nossa história? Vamos tomar armas? Vamos enfrentar os brancos como eles nos enfrentaram? Não, os verdadeiros cristãos não fazem isso porque isso seria igualar-se a eles e as armas não resolvem os problemas.

As armas são o argumento dos covardes. Nós não queremos imitar os brancos naquilo de que eles mais teriam que se envergonhar: o uso de armas para matar seus semelhantes! Nós vamos nos unir, vamos morrer se for preciso, mas não vamos aceitar mais a imposição da vontade dos outros. Vamos exigir que todos, desde o Governô até o nosso vizinho, nos tratem como gente livre, sem depender de ninguém.

O povo brasileiro não disse um dia: "Independência ou Morte?"

Vamos também nós dizer isso, não apenas com palavras mas com nossa atitude. Quando o índio quer, ele sabe ser independente. Nós preferimos morrer livre e não viver como escravo."

(Da Revista Vozes, nº 3/76
Política Indigenista no Brasil)

LADAINHA PENITENCIAL

- Por todos os pecados da antiga e da nova colonização que vem esmagando, durante séculos, os povos indígenas da nossa América, vos pedimos perdão.

TODOS: Perdão, Senhor, perdão!

- Pelos pecados da própria Igreja, tantas vezes instrumento do antigo e do novo colonialismo, vos pedimos perdão.

- Pelo orgulho e ignorância com que desprezamos a cultura dos povos indígenas, em nome de uma civilização hipócritamente chamada cristã, vos pedimos perdão.

- Pela exploração das terras do índio e a destruição da natureza em que ele vive, causadas pelo latifúndio e os interesses das grandes Empresas nacionais ou multinacionais, ou pelo turismo desrespeitador, vos pedimos perdão.

- Pela desumana violência com que pretendemos transformar as comunidades indígenas em novas vítimas de nossa sociedade de lucro e de consumo, a pretexto de uma ilusória integração, vos pedimos perdão.